

Assassinatos em série transformados em acontecimento jornalístico nas páginas do *Diário da Manhã*: o caso do Bruxo do Guaragi

Afonso Ferreira VERNER¹

Cintia XAVIER²

Resumo

Resumo: O presente artigo debate a transformação das mortes registradas no Distrito do Guaragi, em Ponta Grossa, em uma série de acontecimentos jornalísticos a partir da cobertura de um dos jornais diários da cidade. Os crimes tomaram as páginas da imprensa local a partir de outubro de 1999 e a análise a seguir considera a cobertura dedicada pelo periódico *Diário da Manhã* nos meses de outubro, novembro e dezembro daquele ano. A sequência de mortes ficou conhecida como o caso do "Bruxo de Guaragi" e foi atrelada pela narrativa noticiosa a questões ligadas à magia negra e a prática do satanismo.

Palavras-chave: Morte. Acontecimento. Jornalismo. Notícia.

Abstract

Abstract: This article discusses the death's transformation registered in the Distrito do Guaragi, in Ponta Grossa, in a series of journalistic events from the coverage of one of the daily newspapers of the city. The crimes integrated the pages of the local press from October of 1999 and the following analysis considers the coverage dedicated by the newspaper *Diário da Manhã* in the months of October, November and December of that year. The sequence of deaths became known as the "Guaragi's Wizard" and was connected by the narrative to the issues of black magic and the practice of Satanism.

Keywords: Death. Event. Jornalismo. News.

¹ Graduado e mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

² Doutora em Comunicação pela Unisinos. Professora do curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1995) e mestrado em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (2004).

Introdução

A sequência de mortes creditadas ao “Bruxo do Guaragi” integrou o noticiário dos jornais de Ponta Grossa nos meses que antecederam o final daquele ano. Os crimes vieram à tona em uma sexta-feira, 7 de outubro de 1999, compondo a edição dos jornais do dia seguinte. O presente artigo tem como corpus de análise³ as notícias publicadas sobre o caso no *Diário da Manhã*⁴ nos meses de outubro, novembro e dezembro daquele mesmo ano.

O objetivo desse artigo é identificar aspectos da cobertura do *Diário da Manhã* que ilustrem como a produção jornalística tratou o acontecimento morte (nesse caso uma sequência de cinco mortes) para integrar esse fato ao “retrato do mundo” oferecido aos leitores. Para isso, foram observadas todas as edições do *DM* nos três meses seguintes com a coleta de informações nas capas e nas páginas da editoria *Polícia* em todas as edições⁵.

Durante a coleta, notamos quais eram os acontecimentos jornalísticos valorizados pelo jornal – tais notícias compunham costumeiramente os espaços de destaque do *Diário da Manhã* na capa e também na editoria reservada ao noticiário policial. Com isso, apresentamos um debate sobre como o acontecimento morte é utilizado na prática jornalística e como passa a compor a “normalidade” desse recorte da realidade apresentado pelo *DM* nos três meses observados⁶.

O acontecimento como invenção necessária

A definição da palavra acontecimento traz explicações que vão desde o materialismo do acontecer, até a ideia de acaso e eventualidade típica dos fatos não

³ Outros dois jornais diários circulavam em Ponta Grossa naquele momento: *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã*. No entanto, para esse exercício de análise focamos apenas na cobertura do *Diário da Manhã*.

⁴ O *Diário da Manhã* foi criado pelo jornalista Adail Inglês e circulou até 2007.

⁵ Em algumas edições, o *DM* simplesmente não apresentou nenhuma página da editoria *Polícia*. Em outras, o assunto sobre o Bruxo do Guaragi ocupou todo o espaço reservado para notícias policiais além de aparecer em outros setores, como editoriais e em páginas especiais.

⁶ A análise do caso do Bruxo do Guaragi integra a dissertação defendida em fevereiro de 2017 no Curso de Mestrado da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

rotineiros. Nas palavras de José A. Bragança de Miranda (2005, p.1), quando uma “palavra se torna demasiado evidente é sinal de uma certa perturbação que tem, por isso mesmo, de ser inquerida”. Quando o acontecimento é acompanhado da palavra morte, o questionamento se torna ainda mais necessário e complexo. Tal inquirição e inquietação sobre o acontecimento pode levar em conta a definição deste fato específico diante de tantos outros ou as características essenciais desses acontecimentos morte.

Na visão de Adriano Duarte Rodrigues (1993), o acontecimento configura-se como referente do que se fala, uma espécie de ponto zero da significação. Ao discutir as características primordiais do conceito, Rodrigues (1993, p. 28) lembra que “diante da natureza específica”, o acontecimento situa-se no que define como “escala de probabilidade de ocorrência”: quanto mais imprevisível, quanto menos provável for a realização desse fato, maior será o valor de tal acontecer diante dos outros fatos rotineiros.

E já nesse primeiro ponto a morte enquanto acontecimento jornalístico mostra o primeiro paradoxo. Afinal, o morrer é o destino último de qualquer sujeito, pelo menos diante da ótica racionalista, no entanto a morte violenta ganha um novo atributo. Quando se trata de morte violenta e em série, cometida em circunstâncias que podem ser ligadas à práticas incomuns, esse acontecimento morte recebe um outro caráter noticioso quando observamos a unicidade do fato.

118

Características do acontecimento jornalístico

A definição de um fato que tem condições de ser transformado em acontecimento jornalístico é acompanhada de uma série de características. Esses aspectos elementares vão desde propriedades intrínsecas aos próprios acontecimentos à definições que cercam o entendimento sobre aquele determinado fato e que estão ligadas a abordagens culturais, por exemplo.

A transformação de determinado fato social em um acontecimento jornalístico leva em conta, por exemplo, aspectos ligados ao caráter ordinário do fato e uma possível notoriedade das figuras envolvidas nesse acontecimento. Rodrigo Miguel Alsina (2009) busca nas diversas fases da imprensa as diferenças na concepção do acontecimento e lembra que a compreensão desse conceito tem sofrido transformações relevantes.

O esforço teórico de categorizar o acontecimento jornalístico é acompanhado de noções que cercam o funcionamento dos próprios veículos de comunicação. Afinal, é

através da atuação desses meios que um acontecimento, seja ele qual for, disperso entre os fatos que compõe o cotidiano difuso e corriqueiro, se transforma em um acontecimento noticiável e destacado dos demais.

Miguel Rodrigo Alsina (2009, p. 113) pondera que a produção noticiosa é um “complexo processo que começa com a identificação de um acontecimento”. Mas o autor lembra que é fundamental recordar que tal acontecer é algo que compõe a construção de uma realidade social feita, em sua maioria, pela atuação dos mídias diante dos processos culturais vigentes.

Rodrigo Alsina (2009) recorre a Stuart Hall (1981) ao argumentar que não existe leitura da realidade que seja descontextualizada culturalmente – toda percepção está calcada em aspectos culturais vigentes. Tal abordagem é feita através de um sujeito observador que confere sentido ao acontecimento e reconhece esse fato diante de uma bagagem cultural estabelecida socialmente.

Alsina (2009) elenca três premissas básicas na identificação dos acontecimentos. De acordo com o autor, a primeira premissa prevê que os acontecimentos são gerados através de fenômenos externos para o sujeito. Na segunda premissa, o autor pondera que mesmo sendo externos aos sujeitos, tais acontecimentos não fazem sentido longe deles, já que são os próprios indivíduos que lhe conferem significação. A terceira premissa lembra que tais “fenômenos externos” ao sujeito são percebidos e se tornam acontecimento, propriamente dito, por causa da ação desses indivíduos sobre eles e considera que os sujeitos aplicam seu conhecimento sobre os acontecimentos.

Rodrigues (1993, p. 27) também analisa as características do acontecimento jornalístico e afirma que esse tipo de fato “irrompe sem nexos aparente, nem causa conhecida, e é por isso notável e digno de ser registrado na memória”. No entanto, o autor também considera que os próprios fatos que são considerados como acontecimentos jornalísticos contêm “registros de noticiabilidade”⁷, aspecto fundamental na escolha desses acontecimentos e que também ilustra certo caráter de rompimento com o cotidiano. Rodrigues (1993, p. 127) considera que entre das possíveis anomalias diante

⁷ Rodrigues defende que registros de noticiabilidade são aspectos dos acontecimentos que impulsionariam tais fatos a serem valorizados enquanto notícias.

dos acontecimentos, “o registro do excesso” é o mais recorrente e é visto como a ruptura por excelência de um fato diante do funcionamento do cotidiano.

Ao relatar certa “natureza especial” no acontecimento jornalístico, Rodrigues (1993, p. 28) salienta que a inversão também é outro registro de noticiabilidade do acontecimento. Na visão do autor, a teoria jornalística que considera o fato de um homem morder um cão como notícia inscreve-se nesse registro e no que Rodrigues (1993) chama de “acontecimento boomerang”.

Rodrigues (1993, p. 30) ressalta o caráter “imprevisível dos acontecimentos” e lembra que pertencia a antiguidade o campo da adivinhação e da premonição do que viria acontecer no cotidiano das pessoas. O autor recorre ao que chama de “consequência da previsibilidade moderna” para argumentar que o discurso e os acontecimentos jornalísticos fazem parte “inequivocamente do processo de enquadramento e regulação” dos acontecimentos previsíveis. Na visão do autor, o jornalismo é parte fundamental na fixação do caráter verdadeiro sobre determinado acontecimento, diante de tantos outros fatos do cotidiano.

Ao observar o conceito de acontecimento a partir de noção de “ocasião” e discuti-lo, tendo como base as transmissões de radiodifusão, Elihu Katz (1993) lembra que as transmissões de televisão fornecessem sem interrupções um retrato do mundo enquadrado cultural e socialmente. Na visão do autor, os mídias reconstróem o “sentido da ocasião” diante do público através da grade de programas.

Katz (1993) elenca “condições” para a criação de um evento midiático. O autor leva em conta a transmissão ao vivo do fato, a condição de pré-planejamento, o enquadramento no tempo e no espaço feito pelos meios de comunicação, o destaque de um grupo ou uma personalidade heroica, um grande significado dramático ou ritual e por fim a força social que torna o ato de acompanhar tal acontecimento obrigatório socialmente. Quando observamos o acontecimento nas páginas dos jornais, algumas dessas condições ficam deslocadas, mas outras ainda fazem sentido, entre elas o significado dramático e o destaque de grupos ou personalidades.

As observações feitas por Alsina (2009), Rodrigues (1993) e Katz (1993) são conflitantes em alguns aspectos, mas também podem ser encaradas como complementares vistas de outro modo. Para Alsina (2009, p. 115) o acontecimento é um fenômeno social que está determinado histórica e culturalmente. Na visão de Rodrigues (1993, p. 29), o acontecimento pertence, majoritariamente, ao mundo do acidente e para

Katz (1993) o conceito também pode ser discutido levando em conta aspectos do acontecimento pré-planejado e transmitido ao vivo.

As características elencadas por Alsina (2009), Rodrigues (1993) e Katz (1993) ajudam a entender a natureza do acontecimento e são valiosas para a concepção desse conceito no jornalismo. No entanto, quando falamos do acontecimento somado a ideia de morte na cobertura noticiosa, quais são os valores e concepções que cercam essa combinação de conceitos?

Lições de morte na literatura sobre o Jornalismo

A morte enquanto acontecimento jornalístico compõe cotidianamente o noticiário proposto pelos veículos de comunicação. Seja ela uma morte acidental, trágica, violenta ou natural, seja a vítima anônima ou uma pessoa notória, a morte é encarada como acontecimento valioso para cobertura jornalística e normalmente recebe atenção por parte dos veículos de comunicação. Esse tipo de acontecimento ocupa diferentes lugares⁸, composições e cenários nas páginas dos jornais, nas imagens dos telejornais e nas transmissões radiofônicas.

As diferenças no tratamento dedicado a cada uma dessas mortes dizem respeito a uma série de quesitos, entre eles a política editorial dos meios de comunicação, valores-notícia, critérios de noticiabilidade⁹ e também aspectos ligados diretamente à percepção do acontecimento morte em questão. No entanto, é notável que a morte em si interessa aos jornais como acontecimento potencialmente capaz de se tornar notícia diariamente – situação que o caso do “Bruxo do Guaragi” ilustra exemplarmente.

Elton Antunes (2012) apresenta uma reflexão sobre “ausências” do jornalismo em notícias sobre mortes. Segundo o autor, determinadas coberturas, por meio do que Antunes (2012) conceitua como “narrativas verbais e imagéticas”, sugerem ou acentuam uma natureza dramática das ocorrências – o autor entende que as notícias sobre morte

⁸ As mortes contempladas no obituário, espaço específico para esse tipo de relato, não fazem parte diretamente do foco desse estudo. Esse tipo de acontecimento também ganha espaço em outros

⁹ Tratamos os conceitos de valor-notícia e critério de noticiabilidade como diferentes. A partir da visão de autores como Gislene Silva (2005) e Marcos Paulo da Silva (2013) entendemos que os valores-notícia são aspectos ligados diretamente à natureza dos acontecimentos e podem ser divididos, de acordo com Mauro Wolf, em substantivos e contextuais. Já os critérios de noticiabilidade são aspectos que regem a produção noticiosa e vão desde a linha editorial do veículo até aspectos comerciais da empresa em questão.

têm os aspectos pitorescos destacados em detrimento de explicações mais contextuais, por exemplo.

Na visão de Antunes (2012, p. 41), acentuar a característica dramática desse tipo de acontecimento seria uma maneira de acentuar a visibilidade dessas “mortes comuns” de todo dia e fazê-las adquirirem uma feição de mortes “extraordinárias” – outros autores (VAZ, 2012; TAVARES; 2012) também salientam tal caráter “extra-ordinário” nas mortes que aparecem cotidianamente nas páginas dos jornais.

Ao apresentar uma divisão inicial sobre “mortes comuns” e “mortes extraordinárias”, Antunes (2012, p. 49) lembra que pela condição imediata de impor descontinuidade a dada ordem social, “por sua dimensão claramente disruptiva, a morte reveste-se de aspectos que atenderão a um grande número de critérios de noticiabilidade” nos mais variados contextos e situações.

A dimensão dualista da morte (comuns e extraordinárias) também é admitida por Frederico de Mello Brandão Tavares (2012). O autor vê no acontecimento morte uma espécie de fato fundamental para os veículos de comunicação, mas que carrega consigo uma carga de explicações que, por vezes, extrapola o dualismo entre o rotineiro e o inusitado.

Seguindo o raciocínio de Tavares (2012), as notícias sobre morte pendem a um debate que destaca os acontecimentos como “comuns”, sejam eles mortes naturais ou não, e os acontecimentos “inusitados” que também podem ter como causa uma ação violenta ou não. Com essas abordagens, o acontecimento morte ficaria muitas vezes impedido de extrapolar esse dualismo quando retratado nas páginas dos jornais, contradizendo a complexidade do conceito e a representatividade desse tipo de fato para várias esferas da vida pública.

Nesse sentido, o corpus dessa análise extrapola o sentido dual da morte ao tentar explicar tal acontecimento tomando como base questões ligadas à determinada religião e também ao sobrenatural – tais fatores não foram os únicos a transformar o acontecimento em notícia, mas potencializaram essa transformação. Quando os jornais oferecem um discurso em que o acontecimento é (ou tenta ser) explicado a partir de questões fora do campo real ou cognitivo, a cobertura tende a perder o caráter factível de representar determinado recorte temporal.

Tavares (2012, p. 71) recorre aos estudos do sociólogo francês, Michel Maffessoli, para lembrar que historicamente a morte tem sido elaborada como um evento de

dimensões destacadas e que “é parte fundante do destino que é a vida ordinária” e cujo o significado incide sobre o que o autor denomina como “nossa dimensão bioantropológica” (p. 71).

Na perspectiva de Tavares (2012, p. 71), o conceito de experiência de Walter Benjamin é fundamental para compreender a percepção conceitual sobre a morte. O autor assinala que:

Oscila, na percepção conceitual sobre ela, uma perspectiva que pensa o “ato em si”, como acontecimento que encerra a vida, e outra que amplia para outros processos de interrupção que permeiam o cotidiano. A morte é vista como um referente de faces distintas, cuja totalidade não se resume à experiência que ele provoca, e cuja presença na vida social incorpora certos enquadramentos que vão, por exemplo, de práticas ritualísticas do âmbito da cultura a outros do âmbito midiático, todos eles reveladores de traços da cotidianidade.

Na visão de Tavares (2012, p. 75) existem indícios de um paradoxo na maneira como a morte é encarada pelas práticas jornalísticas – a experiência jornalística coloca os acontecimentos como “excepcionalidades altamente ordinárias”, cujo caráter de ruptura aparece semanticamente expresso, mas está configurado em uma prática narrativa que os “normaliza”. No caso do “Bruxo”, o paradoxo fica ainda mais evidente com as referências que remetem à determinada realidade fora do campo do “normal” ou do socialmente aceito.

Ainda segundo o autor, “a morte que nos “assusta” (grifo do original) e que “merece ser relatada diariamente” possui, como acontecimento, um caráter de surpresa. A presença rotineira desse tipo de notícia, entretanto, quando captada pela imprensa, dá à dimensão de sua vivência um outro caráter e uma outra natureza. “A morte cotidiana que abunda as páginas do jornal é, ela mesma, uma morte comum, que assim se torna, pela maneira como o jornal a faz, repetidamente, ordinária” (TAVARES, 2012 p. 75).

No entanto, a observação do *DM* também demonstra que as “mortes ordinárias” compõe o noticiário do jornal durante o período observado. Pessoas que perderam a vida em acidentes de trânsito, brigas de bar, confrontos com as autoridades e mais uma série de “acontecimentos cotidianos e ordinários” também ganham espaço nas páginas do periódico mas, claro, com menor destaque quando comparamos a cobertura ligada aos óbitos excepcionais.

A análise de Paulo Bernardo Vaz (2012) sobre as discussões a respeito do acontecimento morte segue uma abordagem psicológica. O autor recorre aos escritos do

médico e psicanalista, Sigmund Freud, para lembrar a relação que temos com a morte. Segundo Vaz (2012, p. 21), durante a primeira Guerra Mundial, Freud escreveu: “Se quer suportar a vida, prepara-te para a morte”. O autor lembra que a frase foi redigida em Viena enquanto o conflito bélico registrava inúmeras chacinas¹⁰ na Europa.

Vaz (2012, p. 21) assinala que atualmente nosso “estágio civilizatório” é outro, mas seguimos acompanhando pelo noticiário embates urbanos que geram inúmeras mortes – na visão do autor, conflitos bélicos como a Primeira Grande Guerra são acontecimentos distantes do nosso viver diário, mas mortes em locais periféricos das grandes cidades, por exemplo, compõe o que podemos chamar de “fatos ordinários”. “Vemos que intensos conflitos não mais ocorrem com baionetas em campos de batalha, mas em espaços urbanos, transpostos em palavras e imagens”. Na perspectiva do autor:

Os acontecimentos mais parecem com funerais, dada sua dinâmica, cujo movimento é flagrado em imagens registradas e publicadas juntos a textos, de forma a constituir narrativas que tanto podem ser comparadas ao cortejo fúnebre quanto ao velório (VAZ, 2012, p. 24).

124

Gislene Silva e Daisy Vogel (2012, p. 170) observam o conceito do acontecimento morte a partir das noções de imagem. As autoras tomam como ponto de partida a ideia de que as notícias sobre óbitos na imprensa são disseminadoras de imagens que possuem lastros com figuras de morte que povoam “nossa memória, nossas vidas e nossas culturas e estão sujeitas as cristalizações ou deslocamentos pela cobertura midiática”.

No caso aqui observado, entendemos que as “noções de morte” citadas pelas autoras estão fora do cotidiano ordinário, mas por sua vez povoam rastros culturais que tem ligação com o sobrenatural. Quando os jornais, não só o *DM* nesse caso, ligam as mortes em série registradas do Guaragi às figuras de magia negra e satanismo, por exemplo, o elo buscado pelo discurso noticioso compõe insumos culturais que muitas vezes fazem parte dos filmes de terror, como já apontou Victor E. Folquening (2006).

¹⁰ Algumas das milhares mortes registradas durante a Primeira Grande Guerra (1914-1918) são consideradas frutos de chacinas e até mesmo genocídios. Edwin Bliss, autor do livro *Turkey and the Armenian Atrocities* (A Turquia e as Atrocidades Armênicas, inédito no Brasil) contabiliza cerca de 1,5 milhão de pessoas no chamado “Holocausto Armênio”.

Em *Missa negra para o bruxo de Guaragi*, Folquening (2006) apresenta uma reflexão baseada na semiologia e nas representações sociais para ilustrar como a cobertura noticiosa julgou e culpou antecipadamente Osmir, o “Bruxo”, pela sequência de mortes no Guaragi. O autor lembra ainda que até mesmo ao nominar o principal suspeito dos crimes, os jornais deixam escapar simbologias racistas:

O suspeito de cometer cinco crimes em Ponta Grossa teve seu perfil exposto pelas seguintes características: Negro (“Negão”, “Preto”), forasteiro (“Oriundo do Mato Grosso do Sul...”), pobre (“andarilho”, “chacareiro”, “empregado”), ritualista (“feiticeiro”, “bruxo”, “macumba”), maquiavélico (“queima de arquivo”, “escrito por Júnior a mando de Valdemar”, “pode tê-lo apagado”), anti-natural (“monstro”) e culpado (“foragido”). Trocando em miúdos, é possível se afirmar que Valdemar ou Osmir foi condenado pela imprensa a partir de “provas” que incluíam sua raça, procedência, classe social, religião, personalidade, aparência e ausência. (FOLQUENING, 2006, p.12)

Silva e Vogel (2012) encaram o conceito do acontecimento morte como um fato que permeia várias esferas da vida cotidiana e que por isso é utilizado pelos veículos de comunicação na construção de imagens e de experiências corriqueiras, mas não menos traumáticas. De acordo com essa visão, a concepção de morte faria parte do nosso cotidiano e por isso é tão recorrentemente acionado pelas coberturas midiáticas.

A partir do conceito de experiência de Walter Benjamin (1992), Silva e Vogel (2012) discutem as posições que o acontecimento morte, enquanto notícia, pode reivindicar na distribuição dos lugares que as imagens de morte assumem na imaginação pública e também sobre o “papel do jornalismo” e dos seus procedimentos no controle ou no exercício político da vida.

Esse mesmo “papel” que a morte ocupa nas nossas vidas é notado no discurso noticioso do *Diário da Manhã* sobre os crimes no Guaragi quando o periódico adota a fala de especialistas e populares para tentar qualificar ou explicar aquele determinado(s) acontecimento(s) morte(s). Por mais de uma vez, policiais figuram na cobertura do *DM* salientando quão “macabro” o crime se desenhava até aquele momento.

Silva e Vogel lembram que o acontecimento morte, mesmo diante de uma variedade indiscutível de outros acontecimentos, não escapa, quando noticiado, do apelo da emoção diante do enigma do morrer ou diante do esforço em compreender a morte, seja ao negar ou ao aceitar o acontecido. Silva e Vogel (2012, p. 182) ponderam que esse

exercício de compreensão e enfrentamento só pode acontecer a partir “da experiência do outro”.

Também analisando a experiência que temos da morte do outro a partir do que os mídias nos oferecem, Madalena Oliveira (2005) lembra que a morte, enquanto notícia, é “velha conhecida do jornalismo” e afirma que os novos meios de comunicação, especialmente a internet, mudaram a relação que mantemos com esse conceito. A autora pondera:

Sofrimento derradeiro, a morte é, nos media, uma experiência velha. O carácter de noticiabilidade do fim da vida acompanhou toda a história do jornalismo, sendo critério de tratamento informativo de acidentes, catástrofes e crimes. No entanto, a experiência que hoje se tem da morte é radicalmente diferente da que se tinha quando a informação era veiculada sobretudo por escrito, em jeito puramente factual e com distanciamento efetivo do momento dos acontecimentos.

A tomada da morte como uma experiência a partir do outro também é uma das abordagens proposta por Antunes (2012). O autor lembra que tal acontecimento deve ser observado a partir de um paradoxo notável: quanto mais nos aproximamos da morte, mais queremos nos afastar dela. Antunes (2012, p. 21-22) considera que o homem moderno, identificado na figura dos leitores de jornais e consumidores dos meios de comunicação, toma conhecimento de lições que talvez não o preparem para a morte, mas o colocam em contato constante e íntimo com ela – uma espécie de contato prévio.

Vaz (2012) recorre à Edgar Morin (1988) para discutir o carácter paradoxal do acontecimento morte:

A mesma consciência nega e reconhece a morte: nega-a como aniquilamento, reconhece-a como acontecimento. É certo que parece germinar já uma contradição no interior destes dados primeiros da consciência. Mas esta contradição não nos teria por agora detido se, entre a descoberta da morte e a crença da imortalidade, no seio dessa indivisão de origem não houvesse, não menos originariamente, uma zona de mal-estar e de horror (MORIN, 1988, p. 26, apud ANTUNES p. 22)

Ao dialogar sobre esse paradoxo em que a morte está envolta, Tavares (2012) lembra que do ponto de vista do sujeito, tal fato “acontece a alguém, perturbando nosso quadro de vida” e colocando em cena, a partir das reações provocadas dentro e segundo determinado contexto sociocultural em que está inserida aquela morte, a existência de

uma determinada unidade de consciência que nós, enquanto membros de uma sociedade, temos sobre o viver e o morrer.

O crime - Morte, satanismo e medo

O distrito do Guaragi pertence ao município de Ponta Grossa desde 1957, após os moradores da localidade realizarem um plebiscito e votarem pela transferência da tutela sobre a região – anteriormente o local mantinha vínculo com a cidade de Palmeira. Atualmente o Guaragi conta com pouco mais de 3 mil habitantes¹¹ e a economia da região é baseada na agricultura familiar.

Em outubro de 1999, o local teve a aparente calma quebrada por uma sequência de quatro mortes registradas na região – o quinto óbito foi registrado já no Cará-Cará, região mais próxima do perímetro urbano de Ponta Grossa. Os assassinatos aconteceram mais especificamente em Roxo Roiz, vilarejo de Guaragi, e pautaram o noticiário do município dos dias e meses subsequentes.

As mortes foram registradas nos jornais da época sob diversos codinomes, entre eles Monstro do Guaragi e Bruxo do Guaragi – a segunda delas é a mais disseminada. Os crimes foram imputados a Osmir Vieira da Cruz, inicialmente identificado pelas autoridades policiais como Valdemar Soares dos Santos, após apresentar um documento falso.

Negro, praticante do Candomblé e originário da cidade da Aquidauana no Mato Grosso do Sul, Osmir ficou conhecido como “Bruxo do Guaragi”, “Monstro do Guaragi” e também “Negro Panda” – o último pseudônimo teria como origem a vida pregressa de Osmir na atividade criminal registrada no interior do Estado de São Paulo.

Os assassinatos supostamente cometidos por Osmir incluem a morte de um casal de agricultores, Claudio e Erotildes Kovalkevski de 55 e 49 anos, respectivamente. Além da morte de duas crianças moradores do orfanato ‘Cidade dos Meninos’: Daniel Rodrigues Vaz, 9 anos, e Paulo César Mehrt de 8 anos de idade. O quinto e último crime imputado a Osmir foi o assassinato do próprio primo, José Carlos Correia da Cruz Junior de 17 anos de idade¹².

11 Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística coletados em 2013.

12 Durante as investigações o jovem também foi identificado como Junior Aparecido de Souza, mas em juízo a Justiça qualificou a vítima como José Carlos Correia da Cruz Junior.

O suspeito foi preso seis dias após o primeiro corpo ser encontrado e durante as investigações as autoridades ligaram Osmir a, pelo menos, outros 15 assassinatos realizados em Araçatuba e Sorocaba. Durante a fase do inquérito policial, Osmir confessou às autoridades a autoria dos homicídios. No entanto, em juízo, ainda em dezembro de 1999, ele negou a confissão e afirmou ter sido o responsável por apenas um dos crimes, cometido contra o próprio primo.

As mortes em série foram potencializadas no noticiário com aspectos ‘macabros’ ligados ao acontecimento. Praticante do candomblé, Osmir teve a imagem ligada à figura de um bruxo após as autoridades encontrarem galinhas, charutos e copos supostamente cheio de sangue humano nas imediações dos locais dos crimes. Posteriormente, Osmir negou que os assassinatos tivessem ligação com qualquer tipo de seita ou prática religiosa e justificou os assassinatos com motivações fúteis.

Osmir seria julgado pela Justiça em julho de 2000. Denunciado pelo Ministério Público do Paraná (MP-PR) pelos crimes de homicídio por motivo torpe e ocultação de cadáver, o “Bruxo” foi condenado e acabou cumprindo pena na Colônia Prisional de Curitiba. Em 2001, o suposto responsável pelas mortes em série foi encontrado morto dentro da cela da unidade prisional.

128

O crime nas páginas do *Diário da Manhã*

O *Diário da Manhã* deu início ao noticiário sobre o caso do “Bruxo do Guaragi” no sábado, 9 de outubro de 1999. A edição do *DM* traz a manchete “Criança pode ter sido sacrificada em ritual”, acompanhada de duas fotos. A primeira imagem, a esquerda, com bombeiros abrindo uma vala e uma foto menor, chamada de “detalhe” no jargão jornalístico exhibe penas de uma galinha preta, aspecto que sustenta a conjunção condicional “pode ter sido”.

Na página 18 do primeiro caderno, espaço costumeiramente dedicado aos assuntos policiais, a reportagem que abre a página traz o título: “Polícia desenterra corpo no Guaragi”. No chapéu¹³, a reportagem traz as palavras “Magia negra”, e no lide o repórter Luis Carlos Pimentel, jornalista que assina a reportagem, ressalta que o corpo

¹³ Jargão jornalístico que se refere a palavra que está sobre o título e normalmente releva o tema ou assunto da reportagem.

encontrado era de uma criança do sexo masculino e deveria ser de Daniel Vaz, já tido como desaparecido.

O primeiro texto publicado pelo *DM* também já menciona o desaparecimento do casal Claudio e Erotildes Kovalkevski. A reportagem ressalta que objetos do casal foram encontrados em uma estação ferroviária abandonada utilizada por Osmir como casa. Também na residência improvisada os policiais localizaram charutos e copos supostamente com sangue humano, aspectos que levaram “à conclusão de que o menino foi morto em um ritual de magia negra”, informava a reportagem do *DM*.

No segundo dia de cobertura, domingo, 10 de outubro de 1999, o *Diário da Manhã* publica uma nova manchete sobre o assunto. A notícia “Polícia encontra corpos enterrados em chácara” ocupa boa parte da metade superior do jornal e é acompanhada de uma foto de bombeiros em uma cova e, novamente no detalhe, o periódico exhibe fotos de “copos contendo sangue, charutos, galinhas degoladas e até um altar improvisado”.

Na página interna, o *DM* traz uma reportagem intitulada “Polícia encontra casal desaparecido”. O texto que abre a editoria Policial ressalta a localização do casal de agricultores que era procurado desde o dia 11 de setembro daquele mesmo ano e reforça a tese que a morte de Claudio e Erotildes também teria acontecido em um ritual de magia negra.

A reportagem é dividida em cinco retrancas (Revolta, Polícia, Crianças, Pertences e Sacrifícios) que tratam respectivamente da revolta dos familiares do casal encontrado morto com a polícia, da resposta das autoridades diante das críticas, da morte de uma criança encontrada no dia anterior, dos pertences do casal localizados na casa do suspeito e dos objetos que sustentam a tese de supostos sacrifícios.

No terceiro dia de cobertura, o acontecimento morte(s) registrado no Guaragi já ganha outros contornos. O *DM* publica outra manchete sobre o assunto na edição de terça-feira, 12 de outubro, com o título “Matador em série faz sua quarta vítima”. A notícia vem acompanhada na primeira página por uma foto de policiais e cães farejadores – o texto ressalta a localização de mais um corpo, o cadáver do primo de Osmir, e desta vez encontrado junto de um bilhete endereçado ao delegado responsável pelas investigações.

O texto da editoria de Política salienta que o jovem teria sido assassinado “na noite de sábado ou na madrugada de domingo” e em uma retranca intitulada “Quem foi” a reportagem traz questionamentos: “Quem teria matado o jovem? Uma vingança de um amigo do casal Kovalkevski?”. O texto encerra salientando que todo o efetivo policial da

cidade estava “na caça” por Osmir, ainda tratado pelo nome de Valdemar, e que “suspeita-se que [os procurados] ainda estejam na região”.

Na terça-feira, 12 de outubro, o *DM* não tem expediente por conta do feriado de Nossa Senhora Aparecida. O jornal volta a circular no dia 14, quinta-feira, com a manchete: “Polícia Militar prende assassino do Guaragi”. O texto, incluído tardiamente naquela edição, noticia que o “assassino” foi preso pela polícia por volta das 22h do dia anterior e trata pela primeira vez o suspeito pelo nome de Osmir, esclarecendo que ele havia apresentado documentos falsos aos policiais.

A notícia só existe na capa daquela edição do *DM*, já que na página policial o jornal traz apenas uma reportagem secundária sobre o caso com o título: “Laudos do Guaragi saem amanhã”. Na capa, o *Diário da Manhã* explica a motivação de cada um dos assassinados registrados até aquele momento e dá a notícia de uma quinta vítima – Osmir teria confessado aos policiais a morte de Paulo César Mehrt de 8 anos de idade, criança desaparecida de um orfanato da cidade.

Na manchete, o *DM* também esclarece que os assassinatos não teriam nenhuma ligação com o “credo religioso do assassino”, mas na mesma linha denomina Osmir como “monstro”. No texto, o jornal detalha a motivação do “bruxo” a matar cada uma das vítimas e informa ainda que Osmir foi preso junto da companheira, uma adolescente de 17 anos, e do primo, um garoto de 15 anos de idade.

Na edição do dia seguinte, 15 de outubro, o *DM* traz nova manchete sobre o caso: “Monstro de Guaragi confessa mais mortes”. O texto explica o uso do termo “monstro” como o modo que “Osmir tem sido chamado” e informa que diante das autoridades o suspeito teria confessado outros cinco assassinatos cometidos em Sorocaba. Na página interna, o título traz mais uma vez a denominação: “Monstro matou mais cinco”.

A reportagem apresenta pela primeira vez uma nova “identidade” de Osmir, a de “Negro Panda”, pseudônimo pelo qual o suspeito seria conhecido no mundo do crime. A reportagem lembra como as investigações foram iniciadas pelas autoridades e trazem imagens de Osmir, ao lado dos policiais, reconstruindo aspectos do crime e indicando o local onde o corpo da quinta vítima foi localizado.

O texto ocupa toda a página da editoria de Polícia e tem 11 retrancas e um box. A reportagem já informa que a Divisão de Investigação e Capturas de Sorocaba viria a PG para interrogar Osmir. O texto também informa que o suspeito já estava preso na Cadeia Municipal Hildebrando de Souza e que havia preocupação quanto a isso, tanto pelo fato

de Osmir ser agredido por outros detentos como pela hipótese do suspeito “usar sua ampla experiência como cadeeiro” e organizar um motim na unidade.

Nos próximos dias, o caso do Bruxo não figuraria mais na página do *DM* e esses acontecimentos mortes são substituídos por outros (que também relatam mortes) na manchete do *Diário*. No dia 17 de outubro, por exemplo, o *DM* traz a manchete “Veraneio voa na “Kaiser” e motorista morre na hora”. Sob o subtítulo de “tragédia”, a notícia relata um grave acidente automobilístico que acaba com a morte de uma pessoa.

Os assassinatos em série voltam a ocupar espaço na capa do *DM* na terça-feira, 19 de outubro. O jornal publica uma foto-legenda com a imagem de Osmir no canto esquerdo inferior da página – a notícia relata o depoimento da mãe da companheira de Osmir. Com as novas informações, mais mortes são imputadas ao suspeito já preso. A notícia seria suítada dois dias depois, na capa de quarta-feira (20), agora com a foto da testemunha na capa.

Na quinta-feira, 21 de outubro, o *DM* publica uma nota na página policial sobre o caso. Preso, Osmir é interrogado e nega a autoria de outras mortes – a possibilidade foi apontada por testemunhas ouvidas pelas autoridades. Após um hiato de mais de um mês, o *Diário* publica uma nova reportagem sobre Osmir com o título “Osmir tem crimes em Araçatuba” – o texto traz a suspeita de novos assassinatos cometidos pelo “Bruxo”.

Após um novo intervalo, o caso aparece no *Diário da Manhã* no dia 15 de dezembro. Uma reportagem no canto inferior direito da página e com a foto de Osmir informa que o suspeito seria ouvido naquele dia pela Justiça. No dia seguinte, quinta-feira, 16 de dezembro, o *DM* publica na capa uma foto do “Bruxo” entrando no Fórum da cidade com o título: Osmir nega a maioria dos crimes de Guaragi. Na página policial daquela edição, o jornal traz uma notícia intitulada “Osmir assume apenas uma morte” e relata aspectos do depoimento do suspeito.

Apontamentos finais

A cobertura apresentada pelo *Diário da Manhã* no período pesquisado foge do que Tavares (2012) considera a “a morte ordinária” já que, desde o início da cobertura, os crimes foram ressaltados por aspectos que delimitam o caráter excepcional daquelas mortes: óbitos de crianças, homens, mulheres e adolescentes praticadas supostamente em nome da magia negra.

Durante o noticiário do *Diário da Manhã*, as explicações sobrenaturais perdem espaço e os crimes passam a ganhar aspectos mais concretos. Com isso, Osmir começa aos poucos deixar de ser nominado como “Bruxo” e “Monstro” e passa a ser qualificado como “assassino em série”, tese que é reforçada com os depoimentos colhidos pela polícia.

Após a sequência inicial de manchetes dedicadas pelo *DM*, a notícia sofre hiatos substanciais durante os três meses subsequentes. Com o distanciamento da temporalidade daquelas mortes transformadas em acontecimentos, Osmir só volta a ter espaço privilegiado no noticiário quando presta depoimento à Justiça ou quando testemunhas imputam a ele novos crimes.

Referências

ANTUNES, Elton. **Notícias depois da morte: visibilidade e ausências no Jornalismo**. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

FOLQUENING E., Víctor. **Missa negra para o bruxo de Guaragi**. In: *Cadernos da Escola de Comunicação*, Unibrasil, 2006.

MIGUEL ALSINA, Rodrigo. **A construção da notícia**; Tradução de Jacob A. Pierce. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, José A. Bragança. **O acontecimento como invenção necessária da história: José A. Bragança de Miranda**. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*. 6 Ed, primavera de 2006.

KATZ, Elihu. **O acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião**. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson (org). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993.

OLIVEIRA, Madalena. **Olhando a morte dos outros**. 4º SOPCOM: “Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação” (2005): 1952-1962.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **A cotidianidade do morrer na vida noticiosa: ambiguidades de um acontecimento jornalístico diário**. In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte*. Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

VAZ, Paulo Bernardo. **Lições de morte nos jornais.** In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte.* Florianópolis: Insular, V.3, 2012.

VOGEL, Daisi; SILVA, Gislene. **Imagens de morte na primeira página.** In: BERGER, Christa; HENN, Ronaldo; MAROCCO, Beatriz. *Jornalismo e acontecimento: diante da morte.* Florianópolis: Insular, V.3, 2012.